

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Rebecca Tavares dos Santos

**O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE
AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Taubaté - SP
2019

Rebecca Tavares dos Santos

**O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE
AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Curso apresentado para
obtenção do Certificado Graduação pelo
Curso de Pedagogia do Departamento de
Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cintra de
Carvalho Pinto

Taubaté - SP

201

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU

S237d Santos, Rebecca Tavares dos
O desenho como instrumento de avaliação na Educação
Infantil./ Rebecca Tavares dos Santos. - 2019.
47 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto.
Departamento de Pedagogia.

1. Avaliação. 2. Educação infantil. 3. Desenho. 4. Grafismo. I. Título.

CDD – 370

Elaborada pela Bibliotecária (a) Angelita dos Santos Magalhães – CRB-8/6319

REBECCA TAVARES DOS SANTOS

O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Graduação apresentado para
obtenção do Certificado Graduação pelo
Curso de Pedagogia do Departamento de
Pedagogia da Universidade de Taubaté.
Área: Educação

Orientador: Profa. Dra. Adriana Cintra de
Carvalho Pinto

Data: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Cintra de Carvalho
Pinto Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende
Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Profa. Dra. Maria Teresa de Moura Ribeiro
Assinatura _____

Universidade de Taubaté

Dedico este trabalho a todas as crianças, que, com espontaneidade, fomentam pesquisas e reflexões e me ajudam a entender e auxiliá-las em suas vivências, fazendo-me pesquisadora e profissional mais responsável e mais consciente do meu próprio trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar sabedoria e determinação para a conclusão desta etapa; por colocar, em minha vida, profissionais que me incentivaram e despertaram em mim, todos os dias, o amor pelas crianças e a certeza de que estou trilhando o caminho certo.

Aos meus pais, Betania e Silvio, que acredita e confia em mim, investindo nos meus estudos e me apoiando.

Ao meu namorado, Bruno, que também depositou confiança e se manteve ao meu lado nos momentos difíceis do curso e não me deixou desistir.

Agradeço também ao meu irmão, Ryan, que sempre se preocupou com meu bem-estar.

À minha tia, Simone, que me ajudou e me guiou para que eu pudesse concluir esta etapa.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Professora Adriana, que, com toda paciência e amor pelo que faz, mesmo com toda a ocupação do dia a dia, deu-me suporte e atenção quando precisei, fazendo o possível para a conclusão deste trabalho e, conseqüentemente, para conclusão do curso.

RESUMO

O Grafismo e o Desenho são formas de expressão que as crianças utilizam para se comunicarem e, dessa forma, são fontes importantes de estudos e reflexões acerca das interpretações produzidas pelas próprias crianças sobre si mesmas e sobre o mundo com que interagem. O presente trabalho de graduação busca mostrar como o grafismo e o desenho podem se transformar em instrumento para o professor avaliar as apropriações que as crianças fazem dos conteúdos trabalhados nas atividades em diferentes campos de experiências. Para atingir esse objetivo, fizemos o relato de uma experiência docente em que o professor, nesse caso, a própria autora desta pesquisa, transformou o desenho da criança em instrumento para avaliar as apropriações das crianças durante a participação dela no desenvolvimento de um projeto pedagógico intitulado Tudo sobre o meu corpo e vinculado ao campo de ciências. E, a partir desse relato, verificou-se o papel do desenho no processo avaliativo do desempenho da criança. Esta pesquisa traz fundamentações teóricas embasadas em estudos e reflexões de autores como Hoffmann (2009, 2011) Lowenfeld (1977), Albano (2012) entre outros.

Os resultados obtidos apontam que o desenho é um registro que garante à criança ser mais precisa, detalhada, uma vez que domina essa linguagem, e o professor é mediador deste processo, e tem como objetivo comparar as diversas produções, observar o desempenho gradativamente, a fim de avaliar o desenvolvimento das crianças. Por fim, conclui-se que podemos pensar no desenho das crianças como uma ferramenta pedagógica de avaliação do seu desenvolvimento escolar e concordar que toda arte criativa da criança, todas as suas ações naturais e espontâneas referentes às artes e mais especificamente o desenho, devem ser valorizadas e incentivadas dentro das suas possibilidades e medidas no ambiente da Educação Infantil.

Palavras chave: Educação Infantil, Desenho, Grafismo, Avaliação.

ABSTRACT

Graphism and drawing are forms of expression that children use to communicate and, therefore, are important sources of studies and reflections on their own interpretations of themselves and the world with which they interact. Based on these reasons, the present research aims to show how the graphics and drawing can become the teacher's instrument to evaluate the appropriations that children make of the content worked on activities, in different fields of experiences. To achieve this goal, we report a teaching experience in which the teacher, in this case, the author of this research, transformed the child's drawing into an instrument to evaluate children's appropriations during their participation in the development of a pedagogical project entitled Everything about my body is linked to the science field. And from this report, it was verified the role of drawing in the evaluation process of the child's performance. This research brings theoretical foundations based on studies and reflections of authors such as Hoffmann (2009, 2011) Lowenfeld (1977), Albano (2012) among others. The results showed that the drawing is a record that ensures the child to be more precise, detailed, since he / she has mastered this language, and the teacher is the mediator of this process, and aims to compare the various productions, to observe the performance gradually, the to assess children's development. Finally, we conclude that we can think of children's drawing as a pedagogical tool for assessing their school development and agree that all creative children's art, all their natural and spontaneous actions regarding the arts and more specifically drawing, must be valued and encouraged within their possibilities and measures in the preschool environment.

Keywords: Early Childhood Education, Early Childhood Education, Drawing, Graphism, Evaluation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O GRAFISMO E O DESENHO.....	9
2. O GRAFISMO E O DESENHO NA ESCOLA: ENTRAVES E CONQUISTAS	17
3. EDUCAÇÃO INFANTIL, CAMPOS DE EXPERIÊNCIA E PROJETOS PEDAGÓGICOS.	27
3.1 Projetos na Educação Infantil a partir de campos de experiências	27
3.2 Desenho como instrumento de avaliação.....	27
4. UM EXEMPLO DO DESENHO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema “O desenho como instrumento de avaliação na educação infantil”, surgiu pela oportunidade que tive, durante a graduação, de desenvolver um projeto em uma escola privada, onde foi usado o desenho para avaliar o desenvolvimento de cada aluno dentro do campo de ciências. A dificuldade que os professores encontram em avaliar o aluno na Educação Infantil, ainda é muito presente, principalmente quando o objetivo é analisar e registrar cada passo individualmente.

Quando se fala de avaliação na Educação Infantil, é necessário considerar aspectos de um desenvolvimento integral- físico, intelectual, psicológico e social, é onde o desenho se transforma em um instrumento pedagógico fantástico para avaliar o aluno em diversos campos de experiências, capaz de identificar muitos aspectos no desenvolvimento infantil, funcionando como uma ferramenta de observação, percepção, acompanhamento, ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo desta pesquisa é apresentar um método de avaliação essencial que é o desenho, para que então possa auxiliar os professores de uma forma geral, em um momento tão significativo que é produzir diagnósticos e relatórios. Para que o professor consiga ter um excelente resultado, é preciso se aprofundar no conhecimento baseado nas habilidades que as crianças se desenvolvem sozinhas e quais as que lhe precisam ser ensinadas; o que as linhas representam; os primeiros desenhos das crianças; o surgimento e o desenvolvimento da figura humana.

Entendendo, dessa maneira, o desenho como meio de comunicação do aluno e, conseqüentemente, como ferramenta de acompanhamento do desenvolvimento das crianças.

De modo geral, nota-se que, ao se trabalhar com o desenho dentro de sala de aula, o que normalmente acontece é um processo muito “engessado”, devendo todos seguirem um mesmo padrão, em que a criança deve desenhar de acordo com o que é preestabelecido pelo professor: pintar da cor que todo mundo pinta, desenhar apenas o que está na história, por exemplo. E quando se fala em desenho, a criança tem que se expressar livremente, podendo criar outros personagens,

pintando da cor que sua imaginação deseja. “Quando os professores exigem “desenhar e pintar certo”, as crianças passam a adotar esses modelos como estereótipos, em vez de produzir e criar os seus próprios desenhos”. (COX, 2010). É de suma importância que professoras e professores da Educação Infantil ajam de modo a incentivar o desenho livre da criança, para expressar e colocar na folha branca os seus sentimentos e desenvolver sua imaginação e criatividade. E desse modo, poderem verificar a importância do desenho no processo educativo.

1. O GRAFISMO E O DESENHO

A representação gráfica infantil vem sendo pesquisada por muitos profissionais como teóricos da arte, da psicologia e da educação, e virou motivo de discussões nas escolas, universidades, famílias, consultórios de psicologia e psicopedagogia. Esse assunto ganhou muita atenção por nos trazer bagagem com muitos significados, essas conversas, pesquisas e reflexões giram em torno de como melhor compreender a criança através de um de seus meios mais expressivos que é o desenho.

Mesmo com muitos estudos e relevâncias sobre a importância dessa questão, realizados por teóricos como Read (1958) e Lowenfeld (1977), entre outros, na maioria das vezes, a criança não é respeitada nas suas próprias vontades e na sua forma de perceber e olhar o mundo. Fazem pesquisas com urgência sobre a produção gráfica da criança, pois esse é o meio mais significativo para ela, principalmente para se expressar, envolvendo o seu mundo real e imaginário. O mundo real é aperfeiçoado pela forma de observar e imitar tudo que está em seu redor, e o imaginário, aquele que ela constrói e imagina a partir do que se observa da realidade.

Quando as crianças brincam, representam situações e personagens do mundo dos adultos, reproduzindo o que está acostumada a ver e conviver, ela apreende o mundo, manifestando-se simbolicamente. O ato de se manifestar com expressões e se comunicar por meio do rabisco, desenho e escrita são formas construídas pelo ser humano desde o período primitivo de forma objetiva e subjetiva. Nem sempre a criança tem a intenção de transmitir algo a alguém, uma vez que, ao desenvolver suas capacidades sensoriais e motoras, ela descobre no lápis, no giz, na tinta ou em qualquer outro objeto que tenha estas propriedades, a possibilidade de deixar as suas marcas, é prazeroso para elas, principalmente para as crianças bem pequenas que ainda estão descobrindo esses objetos. Com o passar do tempo, essas marcas passam a ter uma intenção, a criança passa a ter necessidade de ser entendida. Deixar mensagens é importante desde épocas remotas, pois os seres humanos sempre deixaram suas histórias registradas, simbolizando o que queriam, expressando pensamentos aos outros da sua espécie, para serem compreendidos,

nesta época a única forma de comunicação além da fala era a escrita. A criança também utiliza o desenho para comunicar-se por meio dele são transmitidas as suas experiências subjetivas e o que está ativo em sua mente, registrando aquilo que tem muito significado para ela.

Todo ser humano tende a colocar para fora, de alguma forma seus conflitos, suas emoções, entre outros sentimentos presente em nós, de uma maneira única. Podemos perceber essas expressões através da leitura dos desenhos infantis que, quando analisados sob critérios profissionais, nos faz compreender as relações que existem no contexto infantil, pois suas produções materializam seus pensamentos. Nesse sentido, contextualizamos com a educação infantil, espaço que para nós serve para apropriação das linguagens (visual, sonora, corporal) e manifestações expressivas, o educador que percebe a criança como um ser em desenvolvimento e transformação pode agregar significativamente no seu processo de desenvolvimento, uma vez que entende a criança em seu tempo histórico e respeita as suas várias formas de se manifestar e se expressar.

Autores como Lowenfeld (1977) e Novaes (1972) trazem em seus estudos a reflexão sobre a importância de educadores e pais estudarem para entenderem as fases e transformações do grafismo infantil com o objetivo de contribuir grandemente nos processos de criação e desenvolvimento da criança. Lowenfeld (1977, p. 53) a respeito das fases do desenvolvimento infantil, afirma que “o conhecimento das mudanças, nos trabalhos que aparecem em vários níveis de desenvolvimento e das relações subjetivas entre a criança e seu meio, é necessário ao entendimento da evolução das atividades criadoras”. Novaes (1972) considera que o ser humano cria, quando expressa novas formas que já existem, tanto para ele como para o mundo. Quando se trata de criança, se observa o momento em que ela ultrapassa o ato de rabiscar, substituindo-o por outros grafismos que aumentam significados, alcançando a comunicação com outras pessoas em seu redor. O desenho possui uma natureza específica e particular em sua forma de comunicar ou demonstrar uma ideia, uma imagem, através de um papel, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, com lápis, cera, carvão, giz, pincel, caneta, varetas entre outras infinitas formas.

Para Edith Derdyk (2013), todas as crianças são únicas nas suas formas de pensar, de criar, representar, e quanto se expressa por meio do desenho, elas

dançam, conta histórias, teatraliza, imaginam e silenciam, possibilitando ainda mais a imaginação e nas fantasias. É uma linguagem para a arte, ciência e para a técnica é comunicação e expressão, está em todos os lugares, na invenção humana, e desenhos vivos na natureza, desde as nervuras das plantas até conchas das praias. “O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens” Mario de ANDRADE. Desenho é reflexão, abstração e conceituação, conhecer e apropriar-se começando a pensar, tudo o que vemos e vivemos, um dia foi projetado e desenhado por alguém, nossas roupas, móveis, carros, ruas, prédios e devemos estudar, pesquisar, ensinar e valorizar o desenho começando na Educação infantil. Ele serve aos artistas, cientistas, técnicos, uma língua tão antiga e tão permanente que atravessou a história, é um exercício da inteligência humana.

O desenho das crianças é objeto de estudo para psicólogos, pedagogos, artistas e educadores, podemos avaliar e analisar de diversas formas, aspecto emocional, psíquica, linguagem gráfica, testes de inteligência e desenvolvimento mental. Para penetrarmos nesse território precisamos de vivência da linguagem: o ato de desenhar, para nos relacionar e ter maior sensibilidade devemos reconhecer e exercer nossa capacidade de sermos criativos. Linguagem gráfica nos remete as descobertas e frustrações. É o palco de suas emoções, a construção de seu universo particular, além de todos os conceitos, o desenho também é uma dança no espaço, um percurso assumido ao entrar em uma sala cheia de gente, formas de se explorar um espaço novo, deseja representação, mas também é medo, negação, opressão, curiosidade, negação e afirmação, passando por um processo vivencial e existencial. A garatuja não é simplesmente uma atividade sensorial-motora, descomprometida e ininteligível.

Vivemos hoje sob o signo da ficção e da paródia antes das crianças verem o sol, as estrelas elas já viram ilustrações, já os conhecem por meio de vídeos, imagens, entre outros recursos da tecnologia. O desenho pode participar de dois níveis de leitura que é o conteúdo manifesto que são as imagens e o conteúdo latente que são as mensagens subliminares. A comunicação começa da criança para o papel, seria interessante repensar o espaço físico que proporcionamos para a criança para desenhar. Desenhar em pé, sentado, deitado, geram consequências

diferentes. No ato de desenhar a criança é o autor, dono da obra, nós educadores devemos levantar algumas questões referentes às atitudes dos adultos frente ao resultado do trabalho realizado por crianças: suas projeções, sucessos e fracassos. Muitas vezes, quando a criança efetua a interpretação verbalmente, notamos que é mais rica e criativa do que o próprio desenho. Desenhar e falar são duas linguagens que se relacionam, são duas naturezas representativas que se confrontam. A linguagem verbal e a linguagem gráfica participam de uma natureza mental, a criança intérprete de seu próprio desenho revela um raciocínio que vem de outro. A alteração do potencial criador dependerá das oportunidades que terão para expressá-lo.

A liberdade de ação, no que se refere à busca da expressão através do desenho, favorece os processos de criação do ser humano. Ao rabiscar, a criança desenvolve seus processos criativos, ampliando suas capacidades de se expressarem. É possível distinguir emoções em qualquer período de desenvolvimento humano, embora a capacidade simbólica surja apenas em torno dos dois anos de idade, a criança, nessa fase, tem necessidade de se comunicar com os outros e, também, consigo mesma. O significado construído e atribuído pela criança através do objeto e do seu redor muda de acordo com a sua idade, gradativamente e continuamente, ela passa a ter consciência reflexiva. Através dessa capacidade simbólica, a criança aprimora a sua capacidade de criar.

A internalização de símbolos permite a alteração de uma situação à outra, de um objeto a outro, permite que a criança se imagine em uma posição diferente da qual se encontra para resolver algum problema. Percebe-se o contínuo da criança em suas ações, à medida que ela vai somando funções a objetos ou reproduzindo situações nas quais os objetos não se fazem presentes, estimulando sua criatividade e capacidade de imaginação, permitindo liberdade de escolha e a alteração do tempo e espaço real. Os símbolos representam o mundo, movimento a partir das relações que a criança estabelece com as pessoas que fazem parte do seu contexto social, cultural e consigo mesma. A imaginação fértil da criança desenha e cria objetos significativos, sejam eles reais ou frutos da sua fantasia, expressando um grande conjunto de emoção, criação e significados. A linguagem do desenho permite

às crianças inventarem e vivenciarem suas ideias, ações, desejos e sentimentos que são expressos de formas variadas, mostrando as suas emoções e imaginações.

“[...] através da compreensão da forma, como o jovem desenha, e dos métodos que usa para retratar seu meio, podemos penetrar em seu comportamento e desenvolver a apreciação dos vários complexos modos como ele cresce e se desenvolve”. Lowenfeld (1977,p.51)

Sobre as diversas etapas do avanço gráfico, o autor considera difícil perceber quando uma etapa termina e quando outra começa, já que o desenvolvimento desse processo é sequente, também a diferença específica de cada criança devem ser levadas em conta, ou seja, nem todas passam de uma fase para outra na mesma época e nem da mesma forma. Referindo-se às fases do desenvolvimento, Lowenfeld (1977) denomina a primeira como Estágio das Garatujas, que acontece por volta dos dois aos quatro anos de idade. Nesta etapa, a criança faz rabiscos desordenados, por acaso. A organização e o controle do traçado são percebidos aos poucos por ela, havendo uma evolução gradativa que vai dos riscos às formas. Nesse estágio, a criança passa por várias fases por estar conhecendo os materiais utilizados para desenhar. A segunda etapa, Estágio Pré-Esquemático, começa por volta dos quatro anos e vai até os sete, aproximadamente, apresentando as primeiras tentativas de representação do real, a criança desenvolve o entendimento da forma e transmite isso pelas imagens dos seus desenhos, embora as figuras ou objetos apareçam, ainda, de forma desorganizada, podendo haver alterações consideráveis nos seus tamanhos. O Estágio Esquemático começa por volta dos sete anos, e vai aproximadamente até os nove, nesse estágio, a criança desenvolve o conceito da forma e seus desenhos simbolizam o que pertence ao seu meio, de maneira descritiva. O Estágio do Realismo perfaz um caminho dos nove aos doze anos, aproximadamente. Ainda existe muita simbolização nos desenhos, mas a criança tem maior consciência a seu respeito, criando-os em suas produções. Se, antes, ela tinha prazer em realizar desenhos livres, mostrá-los e explicá-los aos outros, nesse estágio, prefere ocultá-los da observação dos adultos, justamente pela consciência que tem de si e do seu ambiente natural, gerando uma autocrítica que não se manifestava antes, pelas comparações e modelos impostos pela sociedade. Luquet (1969) foi um dos primeiros estudiosos sobre o desenho da criança do ponto de vista de seu desenvolvimento cognitivo, procurando compreender o que, como e

porque a criança desenha. A partir dessas concepções, Pillar (1996, p. 40) afirma que “o desenho é a reprodução de um modelo interno que a criança possui do objeto”.

Quando utiliza a expressão “modelo interno”, busca fazer referência à realidade psíquica que existe no pensamento da criança, que dá origem ao ato criador, pois o ser humano possui uma representação mental do objeto e uma maneira de representá-lo através de desenhos, cada um de uma forma única. Os quatro estágios do desenvolvimento gráfico, definidos por Luquet (1969), contribuem para o entendimento do educador e da família sobre os processos de evolução da criança.

O primeiro é denominado de realismo fortuito, estágio esse que tem início por volta dos dois anos e se divide em desenho involuntário e voluntário. No primeiro, a criança desenha linhas, uma vez que ainda não tem consciência de que o conjunto delas passa a representar algo e por isso não atribui significado a seus grafismos, mas faz pelo prazer em repetir os gestos em função da atividade motora adquirida, nesta fase a criança está se conhecendo e conhecendo o espaço. No segundo denominado de realismo falhado ou incapacidade sintética a criança desenha sem intenção, mas, percebe semelhanças entre seus traçados e um objeto existente, considerando-o de acordo com sua afinidade, começa assim surgir formas. Em seguida surge a intenção, o desejo consciente de desenhar alguma coisa. Entretanto quando a criança interpreta o desenho pode se modificar de acordo com os significados que ela atribui, se preocupando em representar cada objeto de forma diferenciada, não integra o que desenha num conjunto coerente e exagera ou omite partes, pois considera apenas, o seu ponto de vista. Nessa etapa de vida, “a criança não tem a simultaneidade das ações em pensamento, ela as considera como independentes umas das outras, sem estarem coordenadas num todo que as reúna.” (PILLAR, 1996, p. 46).

Pode se observar que as ações e os pensamentos da criança não são coordenados, o que impede agrupar as partes de um desenho. Embora exista o entendimento de uma relação entre os elementos de um desenho, esses são simbolizados justapostos, ao invés de coordenados. Essa fase começa por volta dos 4 anos e se estende até os 10 ou 12 anos de idade. O terceiro estágio, chamado de

Realismo intelectual, é a representação dos objetos pelo conhecimento intelectual. A criança, de forma consciente, copia o objeto, refletindo o que vê e também o que imagina, tornando visíveis partes dos objetos que, a princípio, estariam encobertos, e não enxergamos, como por exemplo, os órgãos do corpo humano. Outra característica dessa fase é o uso de “legendas nos desenhos para nomear os objetos, o que faz com que o nome passe a ser uma característica essencial do objeto, tal como as suas partes”. (PILLAR, 1996, p. 49).

A criança desenha a partir do que se conhece do objeto, iniciando a elaboração das relações projetivas, isto é, a construção dos objetos no espaço, dando a noção de diferentes planos e de profundidade. Nessa etapa, observa-se também que a criança comanda os objetos no espaço, considerando suas posições, distâncias e proporções a partir de uma base de referência. O último estágio é denominado de realismo visual, é a representação visual que a criança tem do objeto. Diferente da etapa anterior, a criança representa apenas os elementos visíveis, abandonando a transparência. Pillar (1996, p. 50) afirma que os objetos passam: [...] a ser representados com essa nova construção, a perspectiva, e os detalhes agora têm por finalidade particularizar as formas que antes eram genéricas.

Há, portanto, um aprimoramento do sistema do desenho construído no realismo intelectual. Gardner (1999) também apresenta tendência desenvolvimentista, porém não adota os estágios de Luquet (1969), atendo-se à diversidade de símbolos usados pelas crianças, à investigação de cada linguagem artística, apontando diferenças encontradas entre elas, assim como à integração dos aspectos cognitiva e afetiva do desenvolvimento do ser humano. A criança começa a usar símbolos por volta dos dois anos de idade, e entre os dois e cinco anos passa a dominar o sistema simbólico, observa-se, então, que os primeiros desenhos são resultados da atividade motora e não simbólica, o que chamamos de garatuja.

Segundo Rivière (1995), as ações significantes são formas 16 elaboradas de interação comunicativa, isto é, a criança passa a utilizar palavras ou gestos como ações simbólicas quando o objeto, ao qual se refere, não está presente. Outro aspecto apontado pelo autor é o fato de a criança já se comunicar com o adulto antes de completar um ano de vida, tendo essa comunicação caráter pré-simbólico, uma vez que o objeto precisa estar presente para ela poder indicar o que deseja. À

medida que a criança cresce e se desenvolve, os recursos simbólicos se tornam cada vez mais difíceis para ela. Se, no início, precisava da presença do objeto e era limitada às percepções e experiências imediatas, com o passar do tempo isso se torna desnecessário, ela passa a representar papéis na sociedade cada vez mais elaborados e cria formas diferentes de lidar com situações presentes ou futuras. Isso também é captado no seu desenho, uma vez que ela começa seus traçados com rabiscos que, aos poucos, são substituídos por figuras e objetos que indicam uma representação com contornos mais próximos àquilo que é perceptível para ela.

Perondi (2001, p.175) considera que “os desenhos podem ser inspirados por circunstâncias não previsíveis, porém, frequentemente, eles se relacionam por acontecimentos próximos ou por circunstâncias similares às experiências já vividas.” A partir do apresentado, é fundamental que se entenda a criança como um ser pensante, sensível, que constrói, através das suas representações gráficas, um espaço real e imaginário. Nessa concepção, é necessário que o adulto perceba e compreenda a criança como ser humano com características, pensamentos, sentimentos e vontades próprias. Estes fatos nos levam refletir sobre o funcionamento de nosso sistema educacional. A escola é o agente e o transmissor cultural. A necessidade de organizar o conhecimento, para poder comunicá-lo, muitas vezes torna o próprio conhecimento seccionado, classificatório e redutor. A escola porta-voz de má visão do mundo, pode subliminarmente aprisionar a capacidade da criança de perceber e compreender o mundo por si mesmo.

2. O GRAFISMO E O DESENHO NA ESCOLA: ENTRAVES E CONQUISTAS

Neste Capítulo discutiremos o papel do grafismo dentro da escola. Para tanto, falaremos primeiro das múltiplas linguagens que existem e o lugar do grafismo nessas múltiplas linguagens.

As múltiplas linguagens é o processo de reconhecer o aprendizado e o desenvolvimento da criança, no qual recria e cria, organiza o espaço a qual está inserida e usa sua imaginação usa sua imaginação e organiza o espaço a qual está inserida. É necessário que os professores trabalhem destacando o processo de desenvolvimento da criança na educação infantil, pois é um momento de amadurecimento e de experiências que necessita além de um acompanhamento, formas eficientes na ação pedagógica.

As crianças são encorajadas a investigar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todos os meios de se comunicarem, através de suas “linguagens” naturais ou outros modos de se expressar, com palavras, desenhos, movimentos, montagens, pinturas, teatro, colagens, dramatizações e música. (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 1999, p.21).

Os autores trazem essa perspectiva de linguagem que são desenvolvidas na escola, todas essas ações são significativas ao reconhecimento da criança, pois são expressões que estimulam o desenvolvimento da aprendizagem considerando a forma de expressão, comunicação, criatividade e imaginação.

Conforme os Parâmetros Nacionais de Qualidade Para Educação Infantil, a criança é um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação. (BRASIL 2006, p.14).

Assim podemos entender que criança está sempre em desenvolvimento seja ela física ou psicológica, em que frente as transformações ocorridas habitualmente vão sendo sempre estimuladas, na medida em que o professor dispõe em sua prática de objetos com um significado qualitativo ou quantitativo. As diferentes linguagens são recursos que faz parte do desenvolvimento infantil, e os professores devem se preocupar em desenvolver atividades que progrida nesse processo de conhecimento, tais como: leituras visuais e audiovisuais gerenciadas por meio da

contação de história, sendo relevante possibilitar as crianças atividades lúdicas e variadas que estimulem uma aprendizagem agradável, trabalhando assim, atividades complementares como, pinturas, colagem, desenhos, recortes, métodos que permitem o entendimento das linguagens por meio das brincadeiras, considerando ainda a importância de respeitarem as diferenças de cada sujeito.

A comunicação e a expressão livre possibilitam à criança uma ampla aprendizagem, desde que a criança tenha autonomia de expressar seus pensamentos em todas as situações que são permitidas.

As brincadeiras que as crianças usam a imaginação e teatralizam, por exemplo, brincar de mamãe e filhinho, é uma das formas do uso da linguagem oral e escrita. Nesses acontecimentos, as crianças se comunicam como se fossem médicos, professores, mães, entre outros que querem e imaginam ser, assim brincam de falar como se fossem outras pessoas. Assim sendo, brincadeiras de ler é algo muito frequente realizado pelas crianças, elas normalmente pegam um livro e através da imagem contam histórias, a partir do momento em que o professor conta uma história e em sequência proporciona a criança o reconto, possibilita facilmente fatores que acabam ocasionando a imaginação da criança e a interpretação do texto. Nesse contexto temos ainda, as linguagens audiovisuais que é uma prática própria de aprendizagem que se dá por meio dos desenhos animados, trazendo a relação daquilo que as crianças estão ouvindo com o que elas estão vendo, por exemplo, as cores e pinturas. As ilustrações e revistas são atividades encarregadas por desenvolver e instigar na criança a curiosidade seja ela por objetos que elas ainda não tenham visto, ou já viu, mas sentem-se despertadas pelas imagens.

O conhecimento se dá com base na interação, na comunicação com o mundo. Todos nós procuramos o conhecer interagindo com os objetos, comunicando-nos com as pessoas, em diferentes tempos e espaços. Isso tudo só é possível por meio da linguagem". (FREITAS, 2008.p.54).

Freitas salienta que o conhecimento se dá através das relações sociais dentro de processos de relações, essa ação caracteriza-se como fonte de pertencimento da linguagem. Este trabalho é importante para a compreensão da prática pedagógica, observando a necessidade de pesquisar atividades que trabalhem corporeidade e movimento, em volta de atividades lúdicas que se baseiam na formação do conhecimento e da personalidade da criança, colaborando

com o desenvolvimento em seus aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Percebendo-se assim a importância de se trabalhar as múltiplas linguagens para o desenvolvimento integral e a aprendizagem da criança, não deixando de considerar o cuidar, o educar e o brincar, pois são os aspectos que cruzam o contexto histórico da Educação Infantil.

Dessa forma, podemos evidenciar a importância de trabalhar as múltiplas linguagens na Educação Infantil, em que, para melhor compreensão buscamos através de estudos baseados em sua historicidade a partir de referências como Brasil (2006), Freitas, (2008), Edwards, Gandini, Forman, (1999) Gonçalves, Antônio (2006) Leal e Silva (2016). É importante destacar o desenvolvimento dos trabalhos com as múltiplas Linguagens, em que a ação didática é a base do desenvolvimento físico, integral e social da criança, assim foi verificado em estudos realizados pela Associação Brasileira de fonoaudiologia, que a partir dos primeiros anos o desenvolvimento da linguagem em processo de aquisição aumenta o entendimento da criança e suas competências. Deixando-a ouvir CD ou fitas infantis; elogiando sua comunicação; descrevendo as atividades que estão fazendo, acrescentando novas palavras; utilizando palavras novas em várias situações (ampliação de vocabulário); proporcionando novas experiências: teatros, cinema, circo... E comentando Sobre elas; lendo histórias para elas; Ensinando-lhe relações entre palavras, objetos e ideias; ensinando à criança a contar histórias, utilizando livros e desenhos; permitindo que jogue com outras crianças; prestando muita atenção quando ela fala, lembrando que se ela repetir palavras e sons é normal; fazendo jogos com rimas.

Possibilitando essas ações, provoca na criança conceitos de percepção de tudo aquilo que está sendo visto e observado, desse modo a mediação do adulto na ação formada pela criança torna-se indispensável para facilitar uma melhor aprendizagem que vai se formando pela socialização das práticas percorridas. Nesse viés, trabalhar as múltiplas linguagens é um passo para motivar na autoconstrução e no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Mas ainda sim a escola privilegia somente a linguagem verbal, por se expressar em dois setores que se relacionam: oral e escrito, ambos administrados por normas próprias e de extrema importância na comunicação entre os homens,

para expressarem suas idéias, sentimentos e imaginação. Com base nas pesquisas mais avançadas na área de psicologia, entende-se que as crianças vivem em uma sociedade urbana letrada que usam a língua escrita como o principal meio de comunicação.

Quando convidamos alguma criança, que já tem visão de mundo a desenhar, os mesmos alegam que não sabem e algumas vezes até se negam a começar a atividade. Quando desenham, apenas copiam modelos prontos: se traçam uma casa, por exemplo, todos usam a mesma forma. É difícil até descobrir qual desenho foi feito por quem. Para entender por que esse obstáculo surge e é tão comum, é útil saber um pouco sobre como se desenvolve o trajeto das crianças no desenho principalmente, nos primeiros anos, na educação infantil. Quando elas começam a produzir seus primeiros desenhos, as produções se parecem com o que se chama de boneco girino, uma figura humana formada por um círculo de onde sai um traço representando o tronco, dois riscos para os braços e outros dois para as pernas.

Depois, entre cinco e oito anos, essa imagem contém cada vez mais detalhes, a medida que os pequenos aperfeiçoam seu esquema corporal e ganham um repertório de imagens ao ver desenhos de sua cultura e dos próprios colegas. É nessa faixa etária também que elas começam a perceber o desenho como uma representação do que existe e se interessam em colocar no papel algo que seja reconhecido pelos outros e que se pareçam com o real. É aí que começam a afirmar que não sabem como desenhar.

O fato de estes obstáculos acontecerem pode ser resultado das comparações dos próprios desenhos com os dos colegas e também com estereótipos apresentados pela sociedade, aprendem desde cedo que a árvore tem que ser verde, o mar tem que ser azul, a grama verde, deixando a imaginação e autoconhecimento de lado, percebendo que há uma distância entre suas intenções ao desenhar o que imagina e desenhar o real. É como se eles dissessem para ensinarem a representar o que está pensando.

Essa insatisfação faz as crianças tentarem criar imagens perfeitas. Daí o primeiro motivo de eles reproduzirem estereótipos, repetindo padrões, como uma forma segura de se expressar, pois anteriormente o que elas representavam estava

“errado”. O segundo se dá pelo fato de grande parte das imagens com que os pequenos têm contato ser ilustrativa e passar mensagens claras. Ao folhear um livro, por exemplo, eles conseguem deduzir que parte da história é contada com ilustrações. Mas com suas próprias produções não costuma ser assim. Os adultos perguntam o que o desenho mostra antes mesmo de tentar entendê-lo. É possível ainda que o aluno tenha sofrido julgamentos negativos sobre suas atividades, ficando com sua confiança abalada e sem confiança para desenhar.

E, afinal, o que é o desenho? É uma das expressões mais fortes e reconhecidas da cultura do ser humano, um grande campo de conhecimento. O que é saber desenhar? É fazer alguém em proporção? Rabiscar? Reproduzir? É tudo isso: essa arte tem muitos campos de linguagem. O chargista, por exemplo, não necessariamente sabe como desenhar um quadro de paisagem, cada autor desenvolve mais um tipo de expressão e cada um com sua forma única. Por isso, o mais importante é fazer com que as crianças experimentem muitas técnicas para ver em qual elas se adéquam.

Por isso que todos os professores, principalmente da educação infantil precisam ter conhecimento, e estudar cada vez mais sobre o desenho, para entender a linguagem da criança. É preciso saber que é possível utilizar uma linha para reconhecer uma figura do fundo. Como representar movimento, luz e sombra ou uma mão, uma boca ou ainda o ambiente interno de uma sala em perspectiva? Não basta apenas desenhar para aprender a fazer isso. As respostas para essas questões são conquistadas por meio da aprendizagem de saberes construídos por outros desenhistas e que serão recriados pelo aluno. Ou seja, por meio da apreciação. Ter contato com muitos artistas e suas produções, linguagens e técnicas é importante para as crianças.

A apreciação garante modelos variados e dá elementos para que as crianças desenvolvam seu percurso criador, afinal, ninguém cria do nada: a criatividade está ligada aos conhecimentos que temos. As crianças precisam conhecer produções variadas de adultos para poder se identificar, nós professores temos que valorizar todo tipo de arte que a criança nos apresenta e não dar um padrão para copiarem. Às vezes, o tema dos desenhos nos surpreende outras, é a variedade de técnicas e materiais utilizados que valorizam e incentivam as crianças a usarem a imaginação

para criarem. Ao proporcionar à criança ter contato com a linguagem, ela ganha repertório visual e com isso encontra sentido para suas próprias produções. O importante é que ela perceba a variedade de possibilidades e que cada artista desenha de um jeito e que ela também pode desenhar do jeito dela. Para no futuro sentir segurança de desenhar de uma maneira livre.

Outra situação necessária para que as crianças percebam o valor dos próprios desenhos e abandonem os estereótipos é propor que observem os objetos e paisagens que nos rodeiam. As formas e cores presentes na natureza são muito variadas, e isso pode ajudar a aumentar o conceito de representação. Não existe, por exemplo, apenas um tipo de árvore ou flores. Observar essas variações e tentar reproduzir os detalhes vistos é um aprendizado e tanto.

Existem três situações essenciais que é apreciar, produzir e observar permitindo que cada criança avance dentro de seus conhecimentos e de suas vontades enquanto produtor de arte, os deixando criar e reproduzir.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, trouxe o Ensino da Arte para educação básica. Durante muito tempo o Ensino da Arte nas escolas estava excluído e visto como uma matéria para ocupar o tempo disponível. Era a disciplina que ninguém dava importância e não tinha relevância para a grade curricular, estava apenas presente. A LDB traz muitas mudanças para educação nacional e essas acontecem também na arte. Essa disciplina tem tamanha importância, pois é nela que podemos aprofundar o conhecimento das crianças com mais certeza e assim fazer com que criam amor pela arte e pelo desenho, principalmente pelo próprio, quanto às demais como está colocado nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Desde o início da história da humanidade a arte e o desenho sempre estiveram presentes em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo, seu ofício, procurar materiais e descobrir suas habilidades por meio da prática.

E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. O ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um

percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo.

O saber artístico das crianças está repleto de valores, significados e sentimentos, e ele nos ajuda a decifrar e conhecer cada criança, facilitando no nosso desenvolvimento como profissional e principalmente o desenvolvimento da criança em muitos quesitos, sejam eles cognitivos, afetivo ou até mesmos das expressões corporais.(BRASIL,2001,p.21).

Mesmo considerando que o processo artístico da criança é próprio, não é dispensável o planejamento do currículo e a formação do professor já que são questões importantes que vão somar positivamente na educação infantil. As questões pedagógicas relacionadas ao Ensino da Arte ainda não são fáceis de serem abordadas na instituição infantil devido ao histórico voltado à assistência.

Atualmente, professores de todos os cantos do mundo se preocupam em responder perguntas básicas que apoiam sua atividade pedagógica:

[...] —Que tipo de conhecimento caracteriza a arte? ||, —Qual a função da arte na sociedade? ||, —Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser humano? ||, —Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola? || e —Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?|| (BRASIL, 2001 p.24).

O objetivo do Ensino da Arte nos dias atuais é favorecer uma ação educativa centrada no aluno. Desde os primeiros meses o bebê começa a observar as cores, o movimento, os sons e os objetos diferentes que estão ao seu redor e quando começa a frequentar o ambiente escolar a criança traduz essas experiências em suas obras que é o desenho.

A criação artística da criança é resultado do seu histórico de vivências. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações como se faz o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte (BRASIL, 1998, p.89).

Nesse contexto, o professor da Educação Infantil é o grande mediador entre a criança e suas criações artísticas. Por isso, precisa estimular e incentivar o conhecimento e oferecer diferentes obras de artes de artistas e movimentos, mas sempre deixando espaço para que ela mesma desenvolva sua própria capacidade criadora a partir de suas experiências. É importante que o aluno sinta no professor

um aliado do seu processo de criação, um professor que quer que ele se desenvolva e cresça que se animem quando seus alunos aprendem e os incentivem a enfrentar os desafios do processo artístico. A escola é o local privilegiado onde a criança se expressa na medida em que adquire confiança no professor.

A criança era vista de uma forma diferente, onde não tinha direito de falar e nem ser ouvida, considerada um adulto. Ser criança durava muito pouco, era uma fase muito curta da vida, se misturava aos adultos e os tratamentos eram parecidos. As crianças das famílias mais pobres começavam a trabalhar cedo, enquanto as de famílias nobres aprendiam as artes de guerra ou outros ensinamentos mais valorizados pela sociedade. O tempo foi passando e a maneira de ver a infância e a criança foi se modificando, de acordo com os pensamentos e as necessidades da nossa época que se entende que as crianças são sujeitos com direitos.

Pessoas em desenvolvimento que pensam, sentem, têm idéias, podem e devem participar de seu modo das decisões junto com os adultos. Nós temos que ouvi-las, considerar e compreender suas opiniões, acompanhá-las nas descobertas, considerando que estão numa fase da vida que merecem ser cuidadas, educadas, protegidas e compreendidas. A criança é um ser pensante, onde o pensar está ligada ao fazer, diferente dos adultos. A criança canta, dança, teatraliza, imaginam e aprendem brincando sozinhas ou em grupo, na sala, nos quintais ou nos terreiros, embaixo de árvores, no pátio, no rio ou na roça, observando os trabalhos dos adultos. Dividir brinquedos, transformar objetos, fazer desenhos livres, criar personagens também são maneiras de conhecer e interpretar o mundo, num movimento constante de novas descobertas. Na escola as crianças desenvolvam experiências em suas dimensões cognitivas, físicas, psicossociais e de linguagem, construam conhecimentos, reconheçam e valorizem sua identidade e aprendam a viver relações democráticas com a diversidade cultural.

Um lugar de aprendizagens é aquele em que o cuidar e o educar andam juntos nas rotinas com as crianças e as práticas são orientadas por uma proposta pedagógica que todas as pessoas envolvidas conheçam e dela participem, desde sua elaboração. Para a Educação Infantil, o educar não pode ser concebido como a antecipação da escolarização. É brincando e fantasiando, ouvindo e se envolvendo com as leituras literárias e as contações de história, com a música, a dança, a

pintura, enfim com todas as formas de linguagem, que a criança aprende. A criança aprende brincando e são em momentos livres, e em situações criadas com intencionalidade pedagógica pelas profissionais, que as crianças desenvolvem diversas habilidades, descobrindo-se e interagindo com os outros e com tudo que está presente ao seu redor.

As brincadeiras e as leituras literárias devem estar presentes na prática pedagógica desenvolvida em cada espaço da Educação Infantil. A criança ama desenhar e como na Educação infantil, elas ainda não estão alfabetizadas, e não dominam a linguagem escrita, usam do desenho para se comunicar e pode ser um instrumento eficaz no ensino aprendizagem da criança. O professor não precisa se preocupar em ensinar o desenho e forma técnica.

A criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando o que percebe, imagina, reflete e sensibiliza através do desenho. Como possibilidade de brincar, de falar, de registrar, o desenho marca o seu desenvolvimento e em cada estágio, assume um caráter próprio. Estes estágios diferem maneiras de desenhar que são bastante parecidas em todas as crianças, apesar das diferenças individuais de temperamento e sensibilidade.

O desenho como possibilidade de falar, brincar, imaginar e de registrar arca o desenvolvimento da infância, mas em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio, ou seja, a criança apresenta uma linguagem própria associada com a construção de seu próprio eu. Estes estágios ou etapas definem maneiras de desenhar que são parecidas em todas as crianças, apesar das diferenças individuais de temperamento e sensibilidade. No entanto, não necessariamente a criança tem de “encaixar-se” exatamente em todos os detalhes da etapa descrita, pois se sabe que algumas se desenvolvem mais lentamente que outras. Esta maneira própria de desenhar de cada idade varia, inclusive, de cultura para cultura. Educação infantil - o desenho e o mundo exterior: na faixa etária de 4 a 7 anos, as crianças começam a vincular os seus desenhos com o mundo exterior e as pessoas e coisas que desenharam já têm formas mais definidas. No entanto, há crianças que ainda não correlacionam as coisas entre si, apenas as dispersam no papel. Na maioria dos casos, a criança, por si mesma, adquire a necessária experiência e o estímulo, que a levará à descoberta das “relações espaciais” sem precisar de

nenhum apoio adicional ou interferência de adultos. Isso acontece, gradativamente, a partir de suas próprias experiências, tanto que as motivações são necessárias para a criança desenvolva a sua sensibilidade.

Educação Infantil- as cores e proporções: é também nesta faixa etária, que a criança começa a relacionar as cores com os objetos reais, a partir da relação de significado emocional que ela estabelece com os objetos. Um aspecto importante que se evidencia é a questão da proporção, pois essa está relacionada ao lado emocional da criança, ou seja, a criança desenha de acordo com suas percepções e não com o tamanho real das coisas. Educação infantil- o desenho e a escrita: há uma relação muito próxima entre o desenho e o desenvolvimento da escrita. A escrita exerce uma verdadeira fascinação sobre a criança, e isso bem antes de ela poder traçar verdadeiros signos. Muito cedo, ela tenta imitar a escrita dos adultos. Porém, mais tarde, quando ingressa na escola, verifica-se uma diminuição da produção gráfica, já que a escrita (considerada mais importante) passa a ser concorrente do desenho.

A criança evolui, no seu desenho, por fases que podem ser observadas claramente que caracterizam a maneira da criança se situar no mundo

3. EDUCAÇÃO INFANTIL, CAMPOS DE EXPERIÊNCIA E PROJETOS PEDAGÓGICOS

Neste capítulo, será apresentado a importância de projetos na Educação Infantil, a partir de campos de experiências, e também será discutido sobre o desenho como instrumentos de avaliação.

3.1 Projetos na Educação Infantil a partir de campos de experiências

Os projetos para a educação infantil precisam ser desenvolvidos em sala de aula contemplando os requisitos da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Muito tem se discutido e um dos focos das discussões é como adapta-las aos projetos da educação infantil. Para isso precisamos conhecer os tipos de projetos, na educação infantil tem projetos que o objetivo é o desenvolver comportamentos leitores ou visar a aproximação com alguns conceitos científicos, fatos históricos e os que são voltados para os conhecimentos em arte. Existem diversas possibilidades de pesquisas e atividades feitas com as crianças que podem ser organizadas por meio desta forma de trabalho. Os projetos reúnem uma série de condições favoráveis para que a escola consiga promover a construção de novos conhecimentos que fazem sentido, para isso devemos prestar atenção em alguns pontos. Um dos aspectos mais importantes para iniciar um projeto é a escolha do tema e qual habilidade específica será trabalhada e desenvolvida com a atividade escolhida, por isso devemos nos perguntar qual é a prioridade e o objetivo de aplicar determinada atividade.

Para escolher projetos para educação infantil corretamente e englobá-los de acordo com as competências e normas gerais da BNCC devemos primeiramente escolher projetos que tenham como foco a ampliação de saberes, ou seja, que tem função de dar sentido a aprendizagem. Isso ocorre desde o início com a escuta das crianças e a relação entre a escuta e as propostas de aprendizagem escolhidos para atividade.

A função do professor na direção de um projeto é de mediador, provocando curiosidade e novos sentidos, a intervenção acontece quando as crianças pedem e

também quando vemos necessidade de acrescentar novas perguntas ou informações assim a ampliação de conhecimentos será concluída com sucesso. Depois desta etapa concluída devemos tomar cuidado para não irmos longe demais ou aproveitar de menos, o processo de desenvolvimentos dos projetos para educação infantil merece atenção especial, quando é decidido englobar um grande número de áreas dentro de um mesmo projeto, não há dúvida de que há intenção de ampliar o conhecimento das crianças, mas é necessário considerar que o excesso de conteúdos pode comprometer o aproveitamento de alguns conceitos. Para que a aprendizagem realmente ocorra, precisamos envolver as crianças no contexto da pesquisa, para que possam vivenciar.

Quando planejamos um projeto que tenham muito conteúdo as crianças podem não aprofundar seu conhecimento, terminando o projeto de maneira superficial. Um ponto interessante para trabalhar é o trabalho em equipe, para os educadores da área da educação infantil, introduzir o conceito de trabalho coletivo pode ser desafiador e divertido, ajudando as crianças a trabalharem em equipe, respeitar e ouvir a opinião do outro, assim como a reconhecer suas capacidades.

Devemos focar em projetos que exijam pensamento científico e crítico que ensinem a pensar criticamente, pois é uma habilidade muito importante que as crianças precisarão para o futuro, incluindo as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) essa prática visa o desenvolvimento do raciocínio e habilidades emocionais necessária para o estudante, indo além das respostas básicas e óbvias. Um método excelente para exercitar esse pensamento crítica da criança é o teatro, tornando-se outra pessoa exige que você estenda sua mente crítica, pois envolve habitar características de outra pessoa e cada aluno terá pontos de vista diferentes neste conflito, e discutindo um pode explicar o ponto de vista do outro.

Assim como é bom estimular o trabalho em conjunto, é necessário também incentivar as crianças a valorizarem seus próprios gostos e personalidade, deixando claras a diversidade humana e ensinar o respeito pelo próximo e a si mesmo. Atividades criativas de autoconhecimento como um projeto, para a educação infantil é uma excelente opção para a expressão das mesmas, ajudando no ensino das habilidades emocionais de vida e no incentivo do protagonismo infantil. Uma das

principais propostas da BNCC é colocar o estudante como o ser ativo e principal de sua própria educação, sendo assim, selecionar os projetos para a educação infantil ajuda a sintonizar a aprendizagem com as necessidades de cada aluno. O trabalho utilizando projetos em sala de aula amplia possibilidades de construir conhecimentos de forma global, que tem eixo a aprendizagem significativa, possibilita o diálogo com a realidade e vivência dos alunos, ampliando seus conhecimentos, permite uma avaliação processual do desenvolvimento escolar dos alunos e da reflexão sobre a prática pedagógica.

Os projetos pedagógicos servem para responder problemas colocados pelos alunos, pelo contexto educacional, social, econômico, cultural, etc. Detecta necessidades de aprendizagens, necessidade de aprofundamento e sistematização de conteúdos necessários para o desenvolvimento do projeto e da formação do indivíduo. Neste processo o papel do professor é de coordenar, mediar e fomentar o processo de construção do conhecimento, além de aprendiz e o aluno é o elemento central da construção do conhecimento, visto como sujeito sociocultural, é aquele que traz as suas experiências, que vê respeitada sua identidade e seu ritmo de aprendizagem. Dentro do projeto temos seis passos essenciais para seguir e ter sucesso.

O primeiro é o detonador, onde se escolhe o tema, visando o interesse demonstrado pelo aluno e que merecem ser aprofundadas e problematizadas delimitando o estudo. O segundo passo é a problematização onde delimitamos a problemática a ser estudada, é o momento de levantamento de questão que serão estudadas, organização dos conhecimentos prévios, hipóteses acerca do objeto de estudo e determinam-se as estratégias que serão usadas.

Em seguida vem o desenvolvimento que é o momento de criar estratégias para a busca de respostas. É importante que nesta fase se apresente concepções científicas e oportunidades de pesquisa, trabalhando em equipes, com entrevistas, projeções de vídeos, explorando espaços diferentes, tendo a necessidade de estabelecer os objetivos que serão desenvolvidos no projeto. A síntese é a fase do projeto onde mostra o avanço cognitivo, informando os avanços dos alunos e a aquisição de seus esquemas de pensamento onde o próximo passo é a avaliação que é uma etapa onde as necessidades de aprimoramento em cada momento são

visualizadas e conseqüentemente aprimoradas, a auto avaliação deve também ser priorizada, observando o envolvimento coletivo e individual.

A última etapa, muito importante é o registro, a garantia da sistematização e auxilia a construção do conhecimento, existem várias maneiras de registrar, filmando, escrevendo, tirando fotos, etc.

Hoje em dia o brincar está relacionado a aprender na Infância, o surgimento das instituições da educação infantil auxiliou de certa forma para a modificação pensamento pedagógico. O educar deve se fundamentar em uma proposta concreta, onde as crianças apontam essas atividades e assim torna-se necessário ressaltar o trabalho com projetos pedagógicos na educação infantil, por meio de materiais concretos e teoria que embasem o entendimento e a linguagem do sujeito infantil e implique em ações educativas para formação de crianças críticas. O projeto deve estar voltado para prática educativa e de conscientização do educando, que visa objetivo a serem realizados para efetivação da aprendizagem da turma.

O projeto pedagógico assume uma postura de problematização a ser reavaliado no processo educacional e o mesmo busca o conjunto e individual na realização de atividades e possíveis soluções de problemas, sendo assim os alunos memorizam o conteúdo com mais facilidade, pois todo projeto tem em vista um plano curto, mais que durante a sua realização busca de focalizar os assuntos trabalhados com uma visão de informar para construção do ensino aprendizagem.

A verdadeira mania de projetos que abateu sobre a educação tem gerado ações esporádicas, até contraditórias entre si, porque é bonito administrar por projeto e não se tem a cuidado de realizar aqueles que brotassem de um plano global (GANDIN, 1983, p.57).

Por esse motivo é essencial que os projetos pedagógicos venham ser colocados em prática em todos os ambientes escolares, no plano e no planejamento da instituição e que seja realizado por todos que compõem a escola no geral. Está claro que o projeto é sucinto para transmitir seu conteúdo, que as crianças gostam e se interessam, revolucionando a sua metodologia fica expressa aos olhares de todos. "O trabalho com projetos traz uma nova perspectiva para entendermos o processo ensino aprendizagem, e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos". (HERNANDEZ apud GIROTTO 1998 - 2000 p.91). Diante dessa colocação, todo o aprendizado é formado por argumento em que o aluno seja capaz de

aprender sem aquela velha metodologia, do colar e copiar com uma mera reprodução de assunto exposto para memorização em salas de aulas.

É nessa expectativa que a formação dos alunos com necessidades especiais deve ser pensada com uma atividade de construção de conhecimentos, visando todos os aspectos do educando. “É impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo. A formação dos alunos não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual” (GIROTTTO, 2002 a 2003, p. 91). É ensinar com o olhar amplo para a vida e rotina deles. Os alunos quando participam de projeto pedagógico, tudo o que fazem está voltada para uma prática educativa, construindo saberes que vem de suas experiências das práticas sociais e culturais vividas por cada um em seu cotidiano, o aprendizado nesse caso é algo natural.

Sendo os mesmos que buscam o conhecimento eficiente e assim, deixa de se adotar o método tradicional do só absorver conteúdo, para ser aprendiz e detém o aprendizado com qualidade, através do método novo que visa projeto pedagógico. Por isso os projetos dão um sentido novo ao ensino, proporcionando aos alunos a formação de identidade autonomia, e eles são críticos ao debaterem na construção de suas opiniões e tem liberdade de opinar. “É impossível desconsiderar sua história de vida, seus modos de viver, suas experiências culturais, e dar um caráter de neutralidade aos conteúdos, desvinculando-os do conteúdo do contexto sócio histórico que os gestou” (GIROTTTO, 2002 a 2003, p. 92).

3.2 Desenho como instrumento de avaliação

Entender o desenvolvimento gradativo do desenho infantil e relacionar com a avaliação escolar, tendo em ambos como norteadores não é uma tarefa fácil, é preciso muita sabedoria sobre o assunto para não cometer erros graves. O desenho é para Lowenfeld (1997) como mediador e campo de conhecimento do processo de ensino e aprendizagem das crianças. Quando não é posto para as crianças como copias, produz processos de aprendizagens significativas. A obra produzida por Lowelfeld (1977) apresenta a criança e sua arte, dando extrema importância para o desenho e o modo como os professores podem usar para avaliar o processo de aprendizagem do aluno, exibindo a seguinte questão: Podemos pensar no desenho

infantil como possível ferramenta de avaliação escolar da criança? E pensar no desenho como uma possível ferramenta de avaliação escolar da criança é significativo tanto para a criança quanto para a escola. Não avalia somente o desenvolvimento, mas também o desempenho escolar, fortalecimento emocional e personalidade.

Para Hoffmann (2011) a avaliação é um processo de reorganização entre o professor e o aluno, um meio construtor de conhecimentos fundamental e significativo, das habilidades “certas” de ambos. “A avaliação, nessa perspectiva, deverá encaminhar-se a um processo dialógico e cooperativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos no ato próprio da avaliação (HOFFMANN, 2009, p. 35)”. Devemos idealizar a avaliação como parte dos processos de ensino, nunca como um mecanismo para punição, marcador e produtor de rótulos. E quando se trata da educação infantil, precisa ser relacionado com algo natural, utilizando elementos naturais, como o desenho. Unindo as concepções de Lowenfeld (1977) que valoriza a criação artística e as concepções sobre avaliação escolar propostas por Hoffmann (2011), compreende-se que o desenho da criança é um poderoso mecanismo de avaliação do seu processo de ensino e aprendizagem coletivo ou individual, promovendo o fortalecimento emocional do processo de construção da personalidade. A escola é um ambiente onde as crianças encontram um mundo fértil que enriquece seu crescimento emocional e acadêmico, é onde se forma a personalidade, e precisa de um professor reflexivo que use meios corretos de mediar as crianças, pois será norteador e regulador de todo o crescimento desta criança, é o fio que conduz o conhecimento. Por isso deve ter habilidades e atitudes coerentes para compor um processo único e contínuo que é o desenho e a avaliação.

É necessário construir e estabilizar uma Educação Infantil próxima de padrões onde o desenho é um mecanismo de avaliação escolar, mas sem que a criança perca o prazer, seu significado, desenvolvimentos próprios, pois o desenhar vem acompanhado de prazer, satisfação, construção, vontades, de acordo com Lowenfeld (1977, p. 95) “Traçar riscos num pedaço de papel, em qualquer direção, significa, para a criança, alegria, felicidade, desafogo, e contribui, principalmente,

para o domínio de função importantíssima: a coordenação dos movimentos” bem como de muitas outras conquistas próprias desta fase da vida humana. As visões antigas de “creche” ou “pré-escola” são inexistentes, hoje temos Centros de Educação Infantil ou Escolas Municipais de Educação Infantil, ambos como uma nova função e professores com um novo objetivo, educar as crianças desde os primeiros anos e dar os primeiros passos no processo de formação dos homens e mulheres do amanhã.

Construir um processo de formação de professores para a educação tem que ser uma das prioridades das políticas públicas, especialmente na Educação Infantil, pois de acordo com Hoffmann (2011) para desvendarmos o máximo possível dos mistérios de uma criança exige muita investigação e estudo, exige dedicação, mas infelizmente o que fazem é improvisar profissionais para essa área, não dão atenção e importância suficiente à qualidade do profissional. As crianças precisam de Educadores que se interessam em um trabalho significativo, docentes portadores de conhecimentos, profissionais que compreendam o processo de formação acadêmica teórica e prática da criança, que debruçam os olhares sobre o desenho infantil, que valorizem não somente de forma pedagógica e filosófica, e sim artísticas, que compreendam o desenho como um instrumento que serve como auxílio. Construindo assim um ambiente reflexivo, significativo, prazeroso, concreto, filosófico, pedagógico, para ampliar o processo de avaliar um aluno dentro de seu âmbito escolar.

Com Lowenfeld (1977) e Hoffmann (2011) entendemos que a produção artística e a avaliação escolar das crianças não são apenas processos de cunho individual, separados, desarticulados e fora de um contexto social, ambos ocorrem dentro dos processos de aprendizagem, sendo assim, o professor deve olhar e entender o universo infantil para então utilizar ferramentas como o desenho para avaliá-los. Para Hoffmann (2011) a avaliação das crianças posta como “fantasmas” que desestrutura a escola, pois a escola como um todo não compreende o porquê da avaliação, ele descreve que existe um receio entre os professores em assumir uma responsabilidade da construção do mecanismo de avaliação na escola.

Unindo os pensamentos e afirmações de Lowenfeld (1997), Hoffmann (2011) e Albano (2012) nota-se que ao desenhar a criança está se expressando livremente

podendo sim converter essa expressão e uma ferramenta pedagógica com muita relevância, sem deixar de seguir as orientações do Projeto Político Pedagógico de avaliação, utilizar conhecimentos básicos sobre as fases de cada desenho, contribuir para a construção do imaginário das crianças, transformando toda a teoria dos filósofos em recursos para seu fazer docente.

Por fim, podemos pensar o desenho das crianças como um ferramenta pedagógica de avaliação do seu desenvolvimento escolar e concordar que toda arte criativa da criança, todas as suas ações naturais e espontâneas referentes às artes e mais especificamente o desenho, devem ser valorizadas e incentivadas dentro das suas possibilidades e medidas no ambiente da Educação Infantil, porque segundo Lowenfeld (1977, p. 210) “À medida que a criança se torna experimentada, cresce a sua necessidade de expressar-se em formas mais variadas e mais complexas”. Teremos (possivelmente) com tudo isso, futuros cidadãos curiosos e críticos, questionadores de si mesmos, dos outros, da sociedade em que vivem e do mundo como um todo, seres humanos reflexivos e democráticos.

4. UM EXEMPLO DO DESENHO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

Neste capítulo será apresentado detalhadamente o projeto que se nomeia “Tudo sobre mim” aplicado pela própria autora em uma escola privada. E também o relato dessa experiência docente, juntamente com as análises dos resultados dessa experiência.

4.1 Projeto Tudo Sobre Mim

O Projeto “Tudo sobre mim” foi aplicado em uma escola de educação infantil e privada, em uma sala de infantil 3 para crianças de cinco a seis anos, um total de 10 alunos, foi desenvolvido com o objetivo de trabalhar o corpo humano na educação infantil, possibilitando o conhecimento da criança em diferentes funções do corpo humano, despertando a consciência do seu próprio corpo.

A princípio os objetivos específicos do projeto eram conhecer as partes e alguns órgãos e nomeá-los, reconhecer as funções, despertar curiosidade sobre as partes que formam o corpo humano, estimular o respeito a si mesmo, suas limitações e capacidade, proporcionar a percepção do próprio corpo e expressão, através do desenho, desenvolver a noção de mundo através dos cinco sentidos, estimular a importância de ter uma alimentação saudável, estimular a autonomia em momentos de higiene para o bem estar do nosso corpo e reconhecimento dos órgão de sentidos.

Esse projeto foi criado para dar significado para as perguntas que recebemos com muita frequência dos alunos, eles querem saber tudo sobre nosso corpo, pois é nessa fase da infância que ocorrem as descobertas, para elas saberem a importância do corpo humano é necessário ensinarmos os cuidados que devemos ter, assim, este projeto deu ênfase para questões de higiene, alimentação e saúde, mas a parte mais importante do projeto é no instrumento que usamos para avaliarmos o conhecimento de cada aluno, como se saíram no decorrer do projeto, o que realmente aprenderam, e para isso usamos o desenho e os resultados foram excelentes.

Antes de dar início ao projeto, distribuimos uma folha de sulfite com um risco ao meio, dividindo-a, nesta metade da folha colocamos a data e pedimos para as

crianças desenharem um corpo humano, do jeito deles, com toda bagagem que tinham e tudo que sabiam sobre corpo humano.

Já obtivemos aí um resultado, já sabíamos a noção de cada criança sobre o corpo, os desenhos eram quase todos semelhantes, sem muitos detalhes. É interessante frisar que durante o projeto não trabalhamos desenho, nem mostramos biótipos para copiarem.

O projeto começou a partir deste levantamento de conhecimentos da sala de aula, foi uma sequência didática de três ciclos no total, no primeiro ciclo conhecemos como é o nosso corpo, com o objetivo de nomear as partes do corpo como cabeça, tronco e membros. Foi dado um tempo para discussão em sala de aula, para tirar dúvidas e aproveitar a curiosidade deles, depois dessa discussão fomos para a sala de movimento dançar músicas que explorasse o movimento e a lateralidade, incentivando a execução da coreografia, depois sentamos em roda para conversamos sobre as facilidades e dificuldades de cada um e sobre as diferenças e semelhanças dos nossos corpos, depois de aprendermos um pouco mais sobre o corpo humano as crianças montaram um corpo com hastes de algodão, distribuimos folhas pretas e cola, a cabeça já estava impressa e colada na folha preta, o objetivo era trabalhar conceitos do corpo humano e coordenação motora fina, as crianças montaram um corpo humano colando as hastes no papel. Para finalizar esse primeiro ciclo, lemos e apresentamos um livro aprofundado sobre o corpo humano, mostrando todas as partes do corpo inclusive órgãos e ossos.

No segundo ciclo trabalhamos as partes e funções da cabeça, com o objetivo de aprendizagem de localizar as partes da cabeça e relacionar com suas respectivas funções, com atividades que possibilitaram esse desenvolvimento, com rodas de conversas, atividades que estimularam esse processo de aprendizagem, vivências para saberem para o que serve cada parte do nosso rosto, como por exemplo a boca (paladar), em uma atividade que foi tampado os olhos de todas as crianças e foi dado diversos tipos de alimentos, para que pudessem adivinhar o que estavam comendo.

Trabalhamos no terceiro ciclo, os órgãos internos, onde o objetivo a ser alcançado era nomear e reconhecer as funções de alguns órgãos como o coração, os pulmões, estômago, intestino, rins, etc. Para nos aprofundarmos e conhecermos

mais sobre o assunto, já que se trata de uma sala de educação infantil, montamos os órgãos junto com as crianças com materiais recicláveis, foi uma aula lúdica que despertou muito interesse e curiosidade em todos os alunos, além dessa aula pratica contamos com o auxílio de livros para reforçar essa aprendizagem das crianças.

Para finalizar o projeto, usamos aquela folha de sulfite, que demos no início, para desenharem novamente, pensando em avaliar o que as crianças realmente aprenderam em todo o projeto, obtivemos resultados surpreendentes.

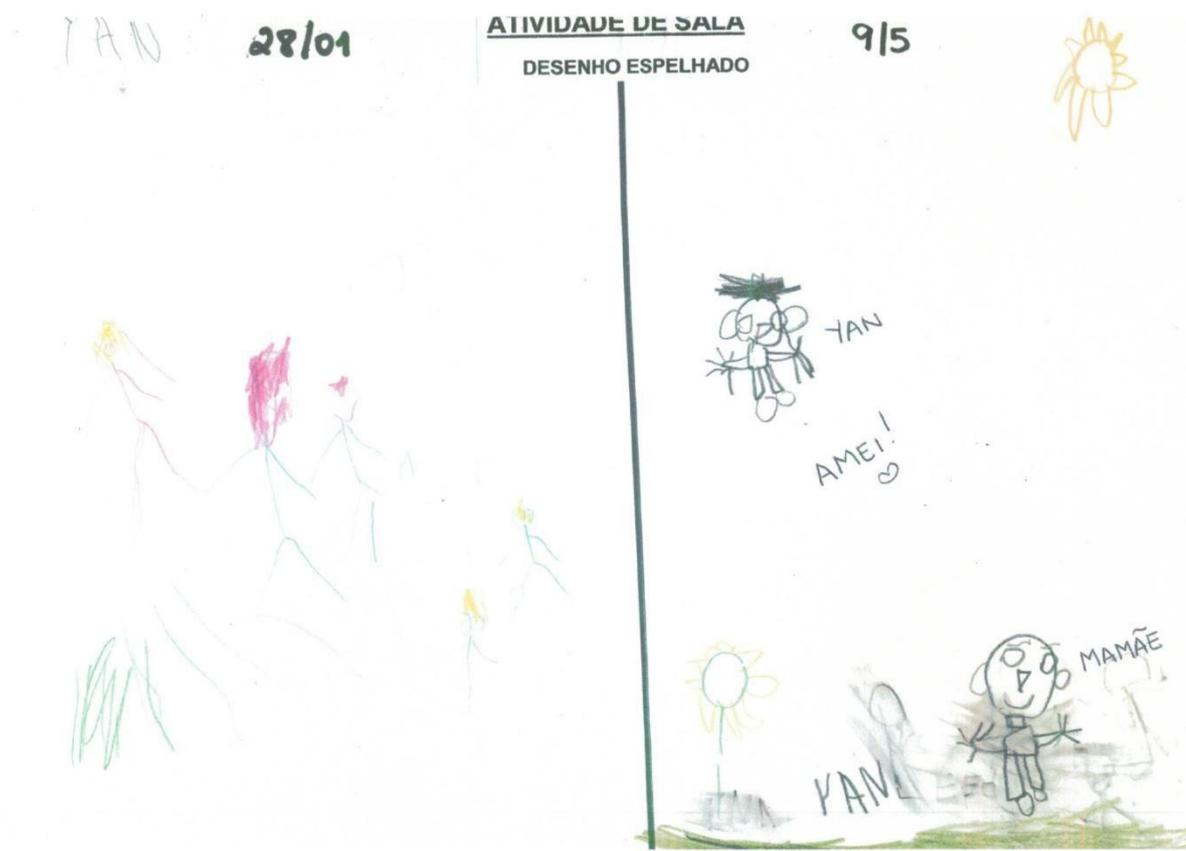
4.2 Relato de uma experiência docente

Utilizamos essa folha que foi entregue as crianças no início e no termino do projeto, os resultados surgiram nessa folha, que foi um instrumento de extrema importância para a avaliação do desenvolvimento de cada criança. Ficou registrado tudo o que aprenderam nesse projeto e foi surpreendente, vale lembrar que em todo o período do projeto, não foram ensinados a eles como desenhar e nem apresentado nenhum estereótipo para que pudessem copiar, os desenhos feitos pelas crianças são apenas o resultado de tudo que foi trabalhado no projeto.

A seguir serão apresentados alguns desenhos e cada progresso detalhado dos alunos que participaram deste projeto.

FIGURA 1- DESCRIÇÃO

No início do projeto, o que este aluno sabia sobre o corpo humano é nítido, que temos uma cabeça, duas pernas, dois braços e um tronco, foi com esta bagagem que esta criança deu início ao projeto. O resultado do aprendizado da mesma também está nítido e registrado por ela, no fim do projeto esta criança aprendeu que temos dois olhos, um nariz, uma boca, duas orelhas, mãos, dedos, pés e cabelos, é perceptível que sua visão de mundo e corpo humano mudou. Este foi o progresso do Yan, 5 anos.



Fonte: Materiais da própria pesquisadora.

FIGURA 2- DESCRIÇÃO

A seguir temos uma obra de arte em ambos aspectos, mas ao falarmos de avaliação de desenvolvimento notamos claramente que aprendeu muito neste projeto, para Dante, 5 anos, nosso corpo humano era formado por uma cabeça, dois olhos, um tronco e duas pernas. No final do projeto, por meio do registro feito pela mesma criança, notamos que no nosso corpo humano, temos também duas orelhas, cabelo, uma boca, um nariz, um tronco, dois braços, duas pernas e dois pés. Além da visão de mundo que mudou, como podemos observar, a paisagem, a casa, também mudou sua percepção sobre o nosso corpo.

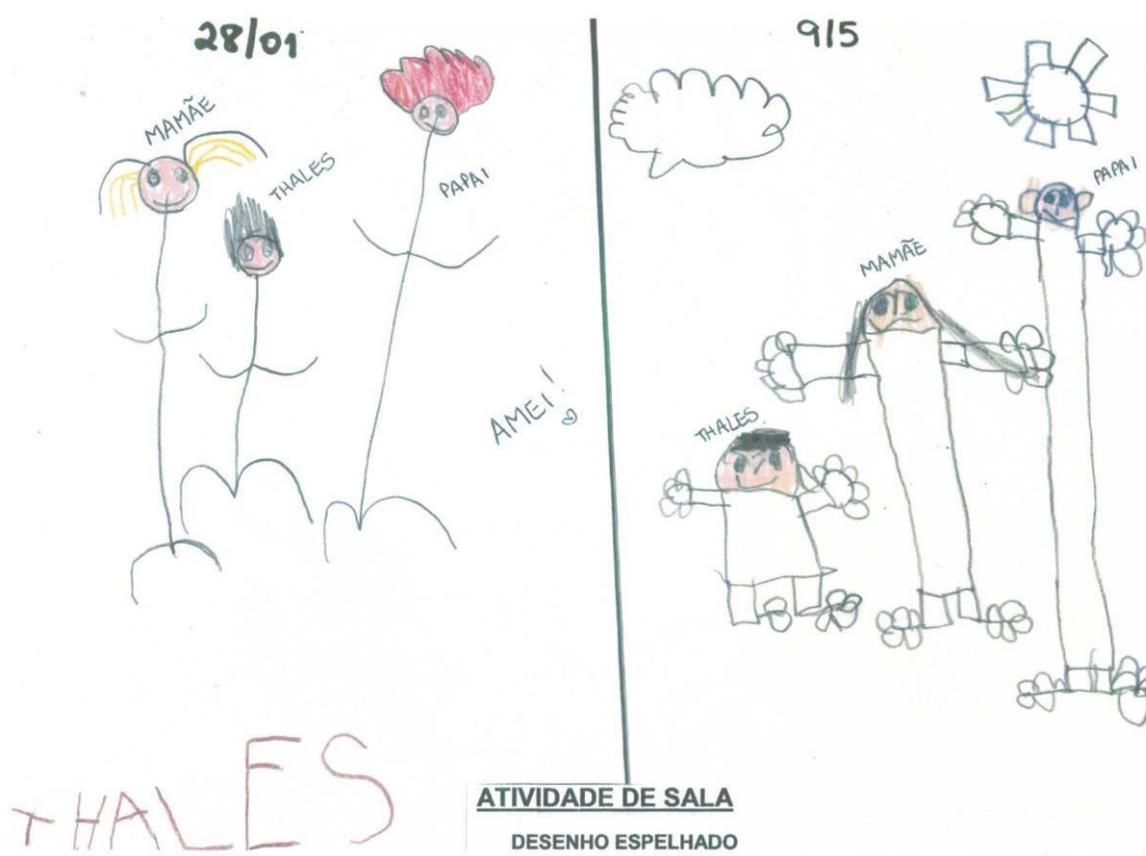


Fonte: Materiais da própria pesquisadora.

FIGURA 3- DESCRIÇÃO

Neste desenho podemos avaliar o desenvolvimento do aluno, seguindo os mesmos aspectos, antes do projeto, já sabia que tínhamos dois olhos, uma boca, cabelo, duas pernas, um tronco e dois braços, a partir do projeto, aprendeu que temos mãos e pés e além disso, temos dedos, um nariz e duas orelhas, e além do corpo humano, seu novo desenho conta com uma linda paisagem.

Este é o avanço de Thales, 5 anos.

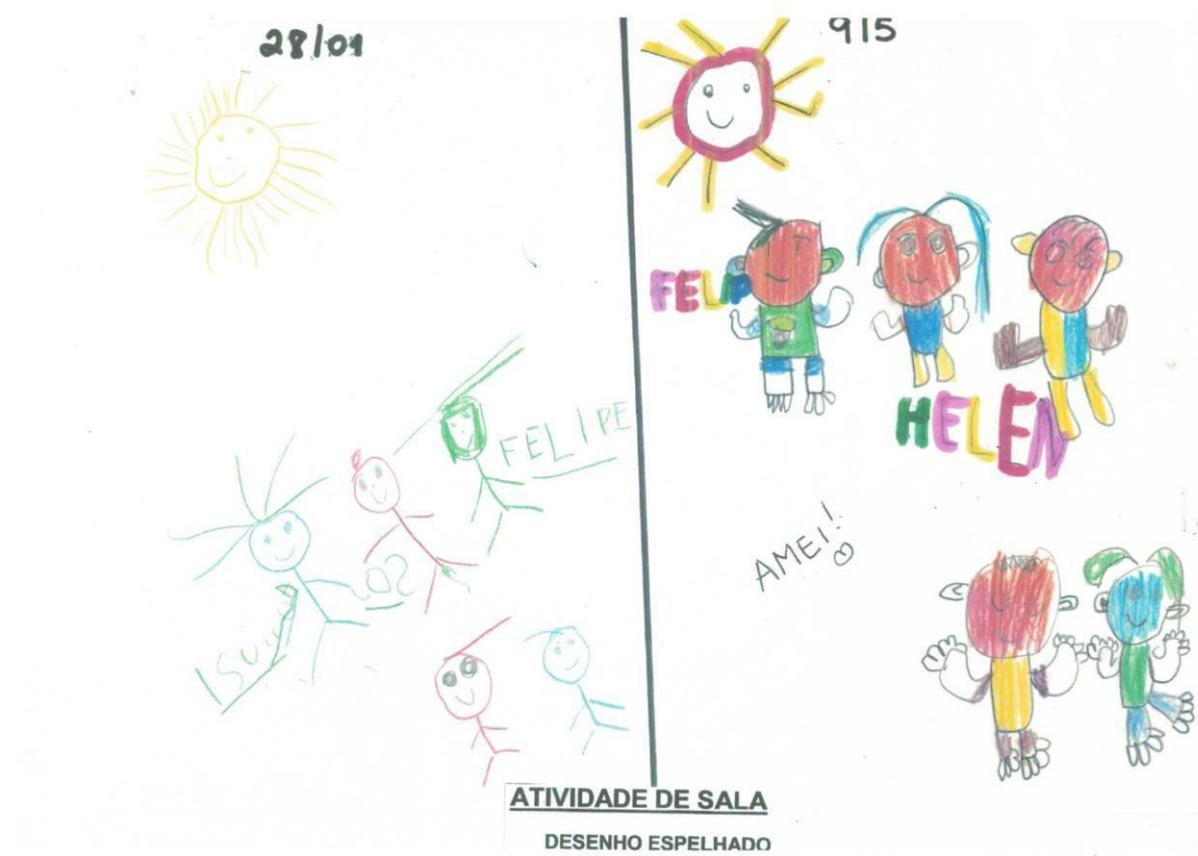


Fonte: Materiais da própria pesquisadora.

FIGURA 4- DECRIÇÃO

Este aluno, no início do projeto nos mostrou que para ele, nosso corpo era composto por dois braços, duas pernas, um tronco, uma cabeça, dois olhos, um nariz, uma boca e cabelos. Depois de todo o processo de aprendizagem do projeto, aprendeu que temos orelhas, mãos, pés e dedos. Além do avanço no aprendizado do nosso corpo, podemos notar que houve avanço também na escrita.

Este é o desenho de Felipe, 5 anos.



Fonte: Materiais da própria pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se assim, no fim desta pesquisa, abrindo espaços para novos estudos. O mundo está em constante transformação, e somos seres inacabados, por este motivo essas considerações não acabam aqui. Pode-se contribuir com algumas discussões em torno do desenho como um instrumento de avaliação na Educação Infantil, no qual nos propomos a estudar e nos aprofundar. Destaca-se também, a importância da participação dos professores neste processo de desenvolvimento da criança.

A avaliação deve ocorrer fundamentalmente pelas respostas dadas pelas próprias crianças, e esta pesquisa teve o intuito de mostrar o projeto Tudo Sobre meu Corpo, onde o desenho foi um importante instrumento de avaliação e registrou as respostas de cada aluno, após um período de aprendizagem.

Com o resultado deste projeto em mãos, pudemos comparar a evolução de cada aluno individualmente com os resultados apresentados em seus próprios desenhos e também organizar diferentes níveis de desenvolvimento apresentado pela turma.

A avaliação na Educação Infantil é de suma importância, já que é instrumento de construção do desenvolvimento de cada aluno. Com o auxílio do desenho, a avaliação é conduzida de forma reflexiva, nos identificando as necessidades e dificuldades dos alunos. Sendo assim, o professor precisa ter uma visão de que o aluno é um ser com capacidade crítica e que a avaliação pode facilitar a autonomia e a capacidade de saber ser, fazer e a conviver. O desenho se torna então, além de uma atividade artística onde a criança é capaz de se expressar, um incrível instrumento de avaliação para o professor.

Com o registro do desenho da criança é possível verificar como a criança está naquele momento, o professor deve seguir seus objetivos, e diagnosticar o que realmente necessita de maior atenção e assim, atingi-los. Pode-se dizer que a avaliação na Educação Infantil, é um processo que exige reflexão, cooperação, integração. Portanto, com este estudo pretendo deixar alguma contribuição no que diz respeito à avaliação na Educação Infantil, já que é um assunto onde os

professores tem muita dificuldade, meu intuito foi apresentar uma excelente ferramenta de avaliação e comprovar os resultados obtidos.

Conclui-se então que além de apresentar uma excelente forma de avaliação, o atual trabalho também teve o intuito de conscientizar o professor que devem aproveitar todo o trabalho feito por cada criança e valorizar qualquer tipo de arte, devem ter conhecimento e se aprofundarem nos meios de linguagem que as crianças desta idade domina, já que não dominam a linguagem verbal, é preciso valorizar todo o tipo de expressão da criança, para então, nos auxiliar e facilitar no processo de avaliação, sem prejudicar a criança e aproveitar toda a aprendizagem apresentada por cada aluno.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- ANTUNES, Aracy do Rego; MENANDRO, Heloísa Fesch; PAGANELLI, Tomokolyda. **Estudos Sociais: teoria e prática**. Rio de Janeiro, RJ:ACCESS Editora, 1993.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2010. Acesso em: 25 de março de 2013.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte.vol.6 -3ª ed.-** Brasília: A Secretaria, 2001.
- CARVALHO, Ana Maria Almeida; MÜLLER, Fernanda (Orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- CORSARO, William A. **Reprodução interpretativa e cultura de pares**. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.
- COX, Maureen. . 3a ed.- São Paulo: Martins fontes, 2010.
- CUNHA, Suzana Rangel Vieira da Org) **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Infância, Pesquisa e Relatos Oraís**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Briato Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo Infantil**. FERREIRO, Emilia.in: VICHESSI, Beatriz; PELLEGRINI, Denise. **Grandes diálogos Emilia Ferreiro e Telma Weisz**. Revista Nova Escola. São Paulo: Ed.Abril, Ano XXVIII, Nº263, Junho/Julho 2013.
- FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo, Loyola, 1983.

GIROTTI, C. G. G. S.; SOUZA, R. de. **Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem**. In: SOUZA, R. J. 2002

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HAETINGER, Max G. **O universo criativo da criança na educação**. Porto Alegre: Instituto Criar, 4º ed. 2005.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio; uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

_____, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 17. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Civilização editora, 1969.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NOVAES, M. H. **Psicologia Escolar**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

PERONDI, D. **O nascimento do grafismo infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

PILLAR, Analice Dutra. **O ensino de Artes Médicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RIVIÈRE, A. **O desenvolvimento e a educação da criança autista**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

VYGOTSKY, Lev: Grandes Pensadores. **O teórico do ensino como processo social**. Revista Nova Escola. Edição Especial. São Paulo: Ed. Abril, Nº19, Julho 2018.